

Socialistas querem que Brasil dê calote

RIO
AGÊNCIA ESTADO

Brizola voltou a acionar na TV Manchete, na qual está gastando 260 milhões de cruzeiros semanais, a sua enferrujada máquina de antes de 64: tomou, como "mestre do calote" para não honrar a dívida externa brasileira, o ditador Fidel Castro, que não é bom conselheiro no assunto, porque hipotecou completamente Cuba à União Soviética.

A propósito: o deputado Bocaiúva Cunha, uma das eminentes morenas do socialismo idem, levou carta de Brizola a Fidel: ninguém sabe se o pequeno caudilho, afinal, tomou a decisão de explicar o sumiço daquele um milhão de dólares que recebeu do ditador, para invadir o Brasil, preferindo com esse dinheiro adquirir rebanhos de ovelhas para as suas diversas fazendas.

O mesmo Bocaiúva levou ao tovarich cubano carta de um certo jovem repórter carioca, Roberto D'Ávila, candidato a deputado federal pelo socialismo moreno, que quer uma entrevista exclusiva de Fidel para seu programa de televisão.

Esse "Baby saxonizado, que só mama vitaminas", como diria o poeta Mauro Mota, maltratou intelectualmente o pobre Jorge Luís Borges, que não voltou a ser o mesmo depois da sua entrevista. É compreensível; Roberto não foi além, em assunto de leitura, do "Pequeno Príncipe" e de "O Menino do Dedo Verde". É certo que quem não tem cão caça mesmo com gato: o velho Borges, era visível, estava perplexo ante a incapacidade do menino prodígio, já tão moreno e tão socialista...

Outro "mestre do calote", agora endeuado pelo esquerdismo local, é o novo presidente do Peru, Alan García Pérez, que dizem ter sido um dos mancebos da predileção do bravo e socrático Victor Raúl Haya de La Torre, o fundador da Apra, que começou fascista, como tanta gente, e terminou "nacionalista de esquerda".

Nem Fidel nem o juvenil estadista peruano vão tornar o Brasil o grande "vigarista internacional" com relação ao FMI: o governo Sarney não tem o direito nem a intenção de desmoralizar assim o Brasil. Afinal, o presidente da Nova República tem demonstrado querer continuar numa linha de sóbria dignidade à frente do governo.

Repercuteu bem, no Rio, a entrevista do ministro Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações, que declarou ao JB que há "esquerdismo" demais para seu gosto no seio do governo Sarney e que chegou a hora do autêntico liberalismo centrista reagir contra tamanho absurdo: como é que os nativos comunistas podem ganhar tantos cargos na administração, quando nem se co-

nhece ainda o número exato dos seus eleitores?

Mais uma pergunta: se o comunismo é tão forte assim entre nós, então qual foi de fato a extensão exata do trabalho efetuado pelos "torturadores", no período autoritário, quando (quem diz é o próprio cardeal Arns, esse antibaritono da CNBB) sua eminência recebia em casa visitas cordiais do falecido e até injustiçado general Ednardo D'Ávila, então comandante do II Exército?

O "beijo" internacional aconselhado por Fidel e Alan García é coisa de regimes facetos, tipo socialista moreno, que vive da repetição da mentira até que ela tome aparência de verdade, como aconselhava Goebels, e Fidel sabe. E já não basta, ao longo de quase cem anos de República, o que foi apropriado do Erário nacional pelas oligarquias caboclas, notadamente após a Revolução de 30, depois do fracasso do Tenentismo e da perpetuação de um conhecido ditador "faceto" na Presidência da República? Esse mesmo Brasil, que num dia é democrata, no outro é ditatorial, e desgraçadamente assim tem sido nesses últimos 50 anos...

Basta de encenação populista. O Brasil precisa retornar, quanto antes, à seriedade, mas isso só ocorrerá mesmo quando não houver nepotismo, culto de personalidade, empreguismo desenfreado, "intelectuais analfabetos", "mania de imitação", passionárias recaladas, negociações oficializadas, raiva de grupos militares "nacionalistas" contra o lucro dos empresários — e muito mais caráter, nacional e privado.

Alguns empresários, hoje metidos a socialistas "modernos", estão por aí brincando com fogo. Desmoraliza-se com isso e outros fatos à democracia renascente, quando se vê um peculatário do tipo de Carlos Imperial na direção de um chamado Partido Tancredistas Nacional. Então esse moço continua naquele "troninho" em que se deixou fotografar há alguns anos, distribuindo regras e conselhos, e de repente assume a direção de um partido que transforma em sigla o nome do prestigioso estatista falecido?

O sr. José Sarney já fez demais ao conter as "esquerdas" tupiniquins com comendas e cargos polpudos nas estatais, principalmente na Petrobrás e outros "ninhos de cobra".

É isso que a esquerda (pelo menos a bandalha) deseja realmente: ser capitalista à custa do Estado. Sequiosa de mordomias e outras prebendas oficiais. Resta esperar, pois que a "maioria silenciosa" desse país se manifeste oportunamente através do voto. Aí, quem sabe, Antônio Carlos Magalhães já não terá do que se queixar.

N.M.